



XI CONGRESSO DA GEOGRAFIA PORTUGUESA

AS DIMENSÕES E A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA GEOGRAFIA

9 - 11 de Novembro 2017
Faculdade de Letras Universidade do Porto

Livro de Atas

COORDENADORES:

Teresa Sá Marques
José Alberto Rio Fernandes

José Teixeira
Patrícia Abrantes

Fátima Matos
Laura Soares

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Associação Portuguesa de Geógrafos

COORDENADORES: Teresa Sá Marques, José Alberto Rio Fernandes, José Teixeira, Patrícia Abrantes, Fátima Matos, Laura Soares.

TÍTULO: XI Congresso da Geografia Portuguesa, As dimensões e a responsabilidade Social da Geografia, Livro de Atas.

ANO: 2017

ISBN: 978-989-54030-2-8

PRODUÇÃO GRÁFICA: Claudia Manuel

COMISSÃO ORGANIZADORA:

*Departamento de Geografia da Faculdade de Letras
Universidade do Porto*

Teresa Sá Marques

José Teixeira

Patrícia Abrantes

Fátima Matos

Laura Soares

António Silva

Diogo Reis

Francisco Anjos

Helder Gonçalves

Joaquim Cardoso

José Sousa

Rui Abreu

Sónia Andrade

Tatiana Oliveira

Associação Portuguesa de Geógrafos (APG)

José Alberto Rio Fernandes

Ana Rei

Francine Tavares

Inês Rocha

Thiago Monteiro

CONSELHO CIENTÍFICO:

António Alberto Gomes - *Universidade do Porto*

António Bento Gonçalves - *Universidade do Minho*

Ana Monteiro - *Universidade do Porto*

Ana Ramos Pereira - *IGOT/Universidade de Lisboa*

Carlos Silva - *Universidade Nova de Lisboa*

Domingas Simplicio - *Universidade de Évora*

Dulce Pimentel - *Universidade Nova de Lisboa*

Eduarda Marques da Costa - *IGOT/Universidade de Lisboa*

Fernanda Cravidão - *Universidade de Coimbra*

Herculano Cachinho - *IGOT/Universidade de Lisboa*

Lúcio Cunha - *Universidade de Coimbra*

Luís Paulo Martins - *Universidade do Porto*

Maria José Caldeira - *Universidade do Minho*

Mário Vale - *IGOT/Universidade de Lisboa*

Regina Salvador - *Universidade Nova de Lisboa*

Rui Gama Fernandes - *Universidade de Coimbra*

REVISORES:

Assunção Araújo - *Universidade do Porto*

Carmen Ferreira - *Universidade do Porto*

Fantina Santos Tedim - *Universidade do Porto*

Fátima Loureiro de Matos - *Universidade do Porto*

Hélder Marques - *Universidade do Porto*

Helena Madureira - *Universidade do Porto*

Helena Pina - *Universidade do Porto*

João Carlos Garcia - *Universidade do Porto*

José Alberto Rio Fernandes - *Universidade do Porto*

José Teixeira - *Universidade do Porto*

Laura Soares - *Universidade do Porto*

Mário Gonçalves Fernandes - *Universidade do Porto*

Miguel Saraiva - *Universidade do Porto*

Patrícia Abrantes - *Universidade do Porto*

Paula Guerra - *Universidade do Porto*

Teresa Sá Marques - *Universidade do Porto*

Será a inovação a chave para o desenvolvimento da Região Demarcada do Douro?

H. Pina ^(a)

^(a) CEGOT, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, helenapina@netcabo.pt

RESUMO

Espaço de excelência, patrimonializado parcialmente pela UNESCO em 2001, a Região Demarcada do Douro sobressai não só pelo cenário paisagístico distintivo que a envolve, mas também pela existência de um potencial económico, social, arquitetónico e cultural únicos. Em simultâneo, porém, acumulam-se os obstáculos ao seu desenvolvimento, mas também os projetos de dinamização e revitalização deste território. Assim se conjuga a tradição com a inovação, tal como o empreendedorismo, potencializando a vinha, para além de outras culturas secundárias como o olival ou o amendoal, ou ainda o seu soberbo património arquitetónico, o gastronómico e o imaterial.

Conjugando uma ampla pesquisa documental com um intenso trabalho de campo que privilegiou a realização de entrevistas semiestruturadas a diferentes agentes interventores no desenvolvimento regional, neste artigo realçamos dois exemplos em que o empreendedorismo, mas também a inovação e a tecnologia, sustentam inquestionavelmente a revitalização e o progresso do espaço duriense.

Palavras chave: desenvolvimento rural, inovação, empreendedorismo, vitivinicultura, olivicultura

1. INTRODUÇÃO

Espaço privilegiado, a Região Demarcada do Douro (RDD) sobressai não só pelo cenário paisagístico excecional que a envolve, patrimonializado pela UNESCO em 2001, mas também pelo seu carácter cultural e social. Não obstante, os obstáculos ao seu desenvolvimento sucedem-se, nomeadamente os ambientais e os paisagísticos, aos quais se adicionam os de âmbito económico, os culturais e os sociais. Para os mitigar, esta paisagem passou a ser encarada numa perspetiva multifuncional, conjugando-se a produção vitivinícola, alicerce económico e social da região, sobretudo com o turismo, mas sem ignorar culturas secundárias como o olival ou o amendoal. Ainda assim, progride o abandono das explorações agrícolas (Pina, 2013; Lourenço, 2008), sobretudo nos espaços menos privilegiados em termos vitícolas, assim como o despovoamento, indissociável, por sua vez, do envelhecimento estrutural da população remanescente dos fluxos migratórios observados na região.

Tal cenário desenvolveu-se nas vertentes declivosas do rio Douro e dos seus principais afluentes e embora a vinha domine na paisagem, não tem uma implantação contínua nem homogénea. Sobressai, pelo contrário, uma organização contrastante quando nos deslocamos de ocidente para oriente, ou quando subimos nas vertentes, proporcionando um mosaico territorial muito complexo mas apelativo, onde os vinhedos se destacam sempre, mas acompanhados, em maior ou menor proporção, pelo olival e pelo amendoal. Aliás, estas duas últimas culturas avolumam-se e dominam quando nos aproximamos da fronteira com Espanha, ou quando ascendemos aos planaltos circundantes.

Na realidade, se tivermos em consideração que no Baixo Corgo (Fig. 1), a subregião vitícola mais ociden-

tal da RDD, a oliveira sempre foi importante quer para a alimentação, quer para a iluminação ou para os rituais religiosos, ou ainda para usos medicinais e cosmética, ou mesmo como lubrificante doméstico, não obstante permaneceu como uma cultura secundária, delimitando apenas os prédios rústicos. Em oposição, no Douro Superior, a subregião mais oriental da RDD, dados os problemas hídricos que dificultam a expansão dos vinhedos, aí a oliveira rivaliza de facto com a amendoeira, multiplicando-se o olival contínuo, como sucede em Alfândega da Fé onde 61,1% dos olivais têm mais de 5 hectares, dos quais 25,6% ultrapassam os 20 hectares (RAC 2009, INE). É já a antevisão do cenário dominante nos espaços planálticos exteriores à RDD onde o olival se impõe na paisagem.

E embora persista o olival centenário, este coabita com os mais recentes, modernos, mecanizados, decorrentes de projetos inovadores subsidiados pelos fundos comunitários, sustentados ou não pelo cooperativismo oleícola, mas também pelo empreendedorismo. Assim se revitaliza o quadro económico e social, enquanto se preserva o ambiente e se inova. Efetivamente, não é apenas a vinha que faz despertar projetos inovadores na RDD, já que a oliveira também o permite, antevendo-se um futuro para a RDD e espaços envolventes em que a tradição e a inovação se conjugam, num quadro tendencialmente sustentável (Ferreira, 2012; Madureira, 2014; Knickel, 2009)

É neste enquadramento que, tendo por base uma ampla pesquisa documental e um profícuo trabalho de campo que incluiu a concretização de inquéritos e entrevistas semiestruturadas a entidades responsáveis pelo desenvolvimento local e setorial, mas também a empreendedores e a associações setoriais, que selecionamos dois casos onde a inovação e a tradição estão presentes. Correspondem a exemplos demonstrativos do

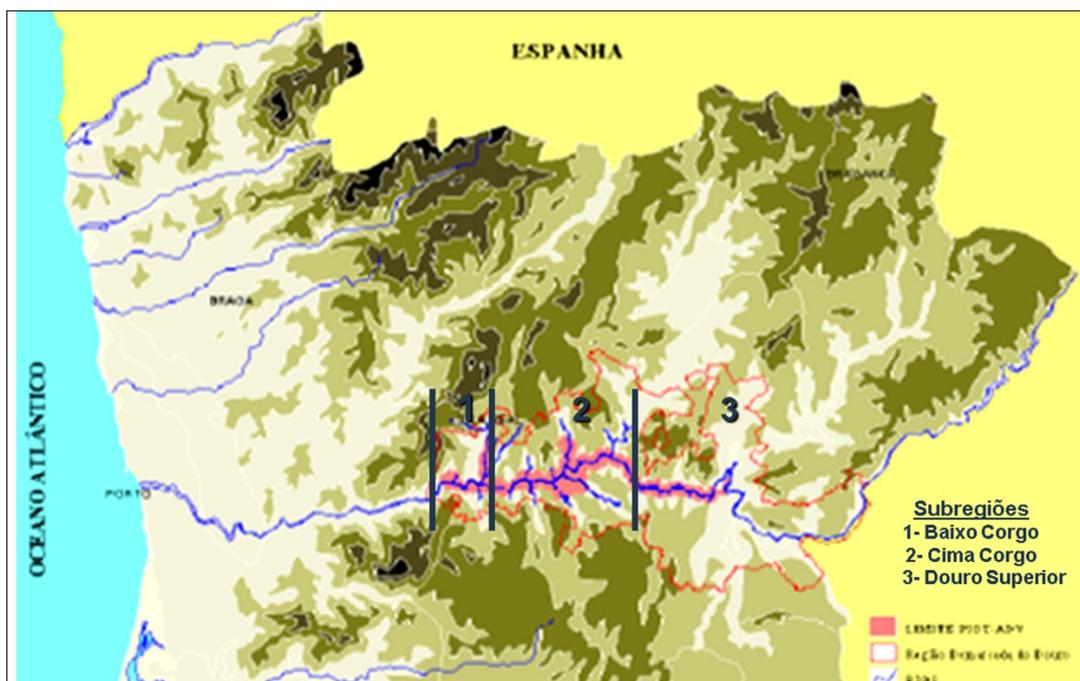


Fig. 1- A Região Demarcada do Douro a as suas sub-regiões. Fonte: Plano Intern. De Orden. Territ. Do Alto Douro Vinhateiro, UTAD

impacte da inovação nas dinâmicas regionais, na implementação de um desenvolvimento cada vez mais responsável (Andresen, 2013).

2. A RDD, UM PATRIMÓNIO A PRESERVAR E INOVAR

A RDD, Paisagem Evolutiva Viva, Património Mundial da Humanidade desde 2001, ao longo dos seus 250000 ha, sucedem-se as paisagens idílicas onde se multiplicam os socorros repletos de vinhedos, se bem que apenas 45000 desses hectares estejam ocupados pela vinha contínua (IVDP, 2016).

Região implantada no complexo xistoso, em clima de matriz mediterrânea, num meio onde são nítidas as carências hídricas, estas avolumam-se na secção oriental, razão pela qual se no Baixo Corgo, a sub-região mais ocidental e mais húmida, a vinha ostenta um longo historial (Pina, 2013; Queiroz, 2010; Ferreira, 2012), no Douro Superior, como as temperaturas são mais elevadas e os recursos hídricos são mais escassos, a área ocupada pela vinha sempre foi mais contida, cenário que só se alterou após a expansão económica dos anos oitenta e noventa, substituindo-se então a tradicional oliveira e a amendoeira, pelos vinhedos.

Mas não é apenas o quadro natural que justifica o cenário heterogéneo apresentado na RDD (Andresen, 2013; Dermendzhieva, 2011). Também o seu historial e o quadro jurídico fundamentam diferenças na estrutura fundiária, refletidas na paisagem, retrato de uma situação problemática que urge corrigir (Pina, 2012; Queiroz, 2010; Abreu, 2012). Como na região as alternativas laborais são escassas, sobretudo quando abandonamos os principais núcleos urbanos regionais, não admira que se fomentassem amplos fluxos migratórios, o que favoreceu o atual declínio demográfico. Permanece na

região uma população maioritariamente envelhecida e com escassa formação, o que avoluma os problemas de continuidade das explorações agrícolas (Pina, 2013).

Para mitigar estes problemas e no sentido de dinamizar a região, surgem múltiplas estratégias que conjugam a vitivinicultura com o turismo, numa aposta clara na multifuncionalidade das explorações agrícolas (Pina, 2017). Não obstante, o seu impacto social e económico é restrito, pois estes projetos incidem sobretudo nas médias e grandes explorações vitícolas e são insuficientes, se bem que possibilitem a preservação e revitalização de edifícios históricos das quintas, bem como das respetivas explorações vitícolas, para além de alicerçarem a criação de algum emprego, sobretudo sazonal (verão e outono). Nesta dinâmica inserem-se também outros projetos de qualidade de âmbito cultural e lúdico, ou ainda iniciativas empreendedoras como a reinvenção do artesanato e a produção de papel tendo por base as videiras (Pina, 2013, 2014), ou a crescente produção em moldes biológicos, quer vitícola, quer oleícola.

Por outro lado, pontua também o empreendedorismo e a inovação tecnológica (Knockel, 2009; Madureira, 2014), tendo como mentores jovens com formação que, alterando a sua trajetória profissional, apostam no espaço duriense, privilegiando com frequência a vertente ambiental e a eficiência energética, entre outros requisitos inovadores. Entretanto, embora a vinha seja o sustentáculo económico e social da região, paulatinamente, reúnem-se-lhe outras componentes, num quadro onde o empreendedorismo e a inovação (Pina, 2012; Sarkar, 2014), em contexto polifuncional, são inquestionáveis. Assim se valoriza a revitalização e a sustentabilidade regional (Andresen, 2013; Pina, 2010), como se demonstrará através da apresentação de dois casos exemplificativos que selecionamos, um fundamentado na vinha e o segundo no olival.

2.1- O desenvolvimento da vinha e a valorização dos seus subprodutos

Sendo indispensável uma visão estratégica na qual a tradição e a inovação estejam presentes, bem como a complementaridade entre as distintas unidades territoriais, única forma de se conseguir o desenvolvimento regional, neste contexto surgem vários projetos maioritariamente associados à vinha e ao vinho, abarcando desde a maior seleção das castas, ao recurso a novas tipologias de implantação da vinha, mas onde se pondera também, cada vez mais, a vertente ambiental. Assim se sucedem os vinhos biológicos e se substituem os produtos químicos no tratamento e controlo das infestantes nas vinhas, por técnicas não abrasivas como o enrelvamento e a aplicação de espécies herbáceas nos taludes não emparedados (Queiroz, 2010), ou a progressiva aposta na mecanização dos trabalhos agrícolas e das instalações vinárias. Existem também outros projetos como a produção de óleos com as grainhas das uvas, ou de componentes para adubos utilizando as cascas e o pé do cacho das uvas. Acresce ainda a produção de papel tendo por base as folhas das videiras e o fabrico de produtos farmacológicos/cosméticos, tendo por origem a uva. Assim se multiplicam os casos onde a inovação e o empreendedorismo está presente (Ferreira, 2012).

É o que sucede também com o *Projeto Da_Vide* que tem como mentor um jovem engenheiro que, apaixonado pela região, pelas suas paisagens, gentes e cultura, facilmente se apercebeu das consequências do recurso a técnicas ambientalmente abrasivas e poluentes, decorrentes da subvalorização das vides (Pina, 2014). Efetivamente, sendo obrigatória a poda anual das videiras, tal ação conduz à produção anual de milhares de toneladas de vides, consideradas resíduos. Se até à década de 70/80 do século XX estas eram utilizadas como combustível para aquecimento das habitações ou nos serviços domésticos, com a sua substituição pelo gás ou pela energia elétrica, as vides perderam a sua utilidade, acumulando-se no solo para serem queimadas.

Havia, porém, que inverter este paradigma, transformando este resíduo, as vides, num subproduto que acrescentasse valor económico aos vinhedos, para além de valorizar o quadro social duriense ao potenciar a criação de postos de trabalho associados à produção industrial de artigos ambientalmente sustentáveis. Assim surgiu o *Projeto Da_Vide*, tendo por base o “Modelo de Produção Agrícola em Ciclo Aberto de Carbono”. Efetivamente, sabendo que as culturas agrícolas e florestais reduzem o CO₂ na atmosfera, havia que valorizar os resíduos orgânicos, apostando na recuperação dos nutrientes aí existentes para, eventualmente, proporcionar que sejam devolvidos aos solos em condições ótimas para o desenvolvimento das culturas. Assim surgem produtos biodegradáveis tendo por base a videira, contribuindo para a atenuação dos problemas ambientais, já que substituem a acumulação de plásticos e outros lixos, com forte impacto ambiental. Neste contexto, com o recurso a soluções tecnológicas inovadoras, as vides, antes resíduos, são agora transfor-

madas em artigos inovadores e de alto potencial energético e estético, para além de biodegradáveis. Alguns exemplos: criação de artesanato, “canetas de vide” e outros objetos decorativos; produção de madeira de diferentes consistências; produção de papel e cartão para rótulos, embalagens, papel, etc.; obtenção de energia elétrica a partir de biomassa; produção de combustíveis sólidos inteligentes (CSI); “cortiça”; tintas, provenientes de uvas rejeitadas; tecidos, etc.

Este projecto apresenta também uma vertente formativa/educacional muito acentuada, pois através de palestras/conferências divulga estas inovações, enquanto induz à aplicação da “madeira” na construção civil. Nesta conjuntura, todas as componentes da videira se aproveitam de uma forma sustentável, anulando desperdícios e minimizando a poluição.

2.2- A oliveira duriense: uma cultura estratégica entre a tradição e a inovação

Se no primeiro caso aqui explanado as vides estiveram na base de um projeto inovador, com forte vertente ambiental, mas também social e económica, no segundo exemplo todas estas vertentes também são inegáveis. Efetivamente, apesar de a vinha alicerçar o tecido económico duriense, também se investe em culturas secundárias mas impressivas na paisagem, como é o caso do olival. Cultura implantada em espaços cujo enquadramento físico não é tão favorável aos vinhedos (Ribeiro, 1986), nomeadamente a maiores altitudes, tal como a vinha também a oliveira evidencia grandes assimetrias na sua dispersão territorial. Na realidade, se no Baixo Corgo onde deparamos com as maiores densidades populacionais, mas também com o maior parcelamento da propriedade agrícola, embora dando prioridade absoluta aos vinhedos, a oliveira como é imprescindível para a subsistência dos agregados familiares e para a gastronomia regional, também pontua, sendo colocada na bordadura dos prédios. Nestas circunstâncias, a área ocupada pela oliveira é insignificante mas indistigável na paisagem e na economia familiar (Rec. Agrícola de 2009, INE).

Este cenário altera-se quando ascendemos nas vertentes ou quando caminhamos para oriente, em direção ao Douro Superior, onde a oliveira sempre imperou e se renova e expande. De facto, embora se preserve o olival tradicional, esta cultura avoluma-se, multiplicando-se o olival mecanizado e moderno na generalidade dos concelhos do Douro Superior, o que proporciona uma paisagem deslumbrante, bem diferente da do Baixo Corgo. Assim se produzem azeites de excepcional qualidade, enquanto se potencia o desenvolvimento regional e numa ótica em que a vertente social e ambiental também são realçadas.

Por outro lado, esta aposta no olival ainda se aprofunda na sequência de novos projetos coordenados habitualmente por jovens com formação que, aproveitando subsídios comunitários e apoiados pelas cooperativas e/ou pelas autarquias, vão inovando. Aliás, este enquadramento favoreceu também a criação de rotas do azeite, que, em conjunto com a Rota do Vinho do Porto, potenciam sinergias para divulgar o património

duriense na sua globalidade ao longo de todo o ano. Assim, embora persista o olival centenário, multiplicam-se os novos, apoiados com frequência por associações como a Cooperativa Agrícola dos Olivicultores de Murça, CRL, um exemplo onde a qualidade e a tradição se conjugam com a inovação, já que as poupanças energéticas e as questões ambientais também estão presentes nos seus projetos.

Efetivamente, as características microclimáticas do Concelho de Murça (Cima Corgo) associadas a um processo de produção ecológico e a um cultivo tradicional do olival, permitem obter um azeite DOP muito premiado. Tendo por base um quadro associativo com cerca de 950 membros, na sua maioria com menos de 1 ha de olival, ou apenas oliveiras na bordadura dos prédios vitícolas, nestas circunstâncias a cooperativa foi-se renovando em termos tecnológicos, instalando-se já em 1995/96 uma linha ecológica de extração de azeite que lhe permite acelerar o processo de produção e melhorar a qualidade. Em simultâneo, diversificou a oferta de embalagens no mercado e sensibilizou os seus associados para a importância da azeitona recolhida do ar, informação transmitida através de cursos de formação. Disponibilizam ainda apoio técnico aos associados, único modo de ultrapassar as deficiências decorrentes da idade avançada do olivicultor e da falta de mão de obra.

Foi, porém, a partir de 2004 que, numa abordagem em que as questões ambientais são fulcrais, que se potenciaram também as inovações tecnológicas, produzindo azeite biológico e aproveitando na íntegra os resíduos. Assim, as “águas russas”, antes grandes poluentes ambientais, depuradas, são agora utilizáveis na rega do olival, enquanto os caroços das azeitonas são utilizados no aquecimento das áreas sociais no inverno, dado o seu valor energético, numa clara aposta na bioenergia. Por outro lado, como o principal desperdício, as peles das azeitonas, se acumulavam nos depósitos de resíduos, consumindo-se elevados meios financeiros para proceder ao seu escoamento, após o protocolo com a UTAD, surgiu um projeto com financiamento comunitário (BioCOMBUS) que permite o seu reaproveitamento, produzindo peletes de alto valor calorífico para aquecimento e outros usos domésticos e industriais. Neste contexto, desde 2015, não há desperdícios na cooperativa! Todos os componentes da azeitona são integralmente aproveitados, sendo notórios os benefícios em termos ambientais e económicos.

Sabendo que com estes exemplos através dos quais se rentabilizam todas as componentes das principais culturas regionais, com estas estratégias não só se dilatam os rendimentos dos agricultores, como se protege o meio ambiente, tal fundamenta a sua replicação no espaço duriense, o que dinamiza a economia regional e a sua progressiva sustentabilidade.

3. CONCLUSÃO

Apesar da RDD possuir um património fabuloso e múltiplas potencialidades, os problemas persistem. Para os mitigar, surgem novas apostas que proporcionam a revitalização e a preservação de uma paisagem,

de um património reconhecido pela UNESCO. Neste contexto, sobressaem os vinhedos, mas também as restantes componentes da paisagem, incluindo o olival. Culturas de grande interesse económico, social e ambiental, proporcionam a existência de dinâmicas onde se conjuga a tradição com a inovação, que, num quadro sustentável e ecológico, dilata a rentabilidade económica do espaço duriense e melhora o quadro social. Num cenário onde a sustentabilidade seja indelével, embora privilegiando a vinha, a inovação, a qualidade e a rentabilidade também abrangem outras culturas, como é o caso do olival.

Há, porém, que implementar maior dinamismo e o apoio técnico num quadro multifuncional, conjugando a produção com a comercialização e o turismo, enquanto se aprofunda também a complementaridade territorial, interna e com o espaço envolvente, forma de realçar a biodiversidade e os elementos tradicionais da paisagem. Para esta conjuntura exige-se também que sejam catalisados todos os estratos sociais, criando-se sinergias que potenciem os recursos endógenos na sua globalidade, preservando a qualidade e as especificidades autótonas, mas numa perspetiva indissociável da inovação e da sustentabilidade. Só assim se dinamizará a RDD, revitalizando este território num contexto onde a tradição e a inovação se complementam.

4. AGRADECIMENTOS

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-006891 (Ref^o FCT: UID/GEO/04084/2013).

5. BIBLIOGRAFIA

- ANDRESEN, T. E REBELO, J. (2013), *Avaliação do Estado de Conservação do Bem Alto Douro Vinhateiro – Paisagem Cultural Evolutiva e Viva*, Volumes 1 e 2. Porto: CIBIO UP / UTAD.
- DERMENDHIEVA, S. et al (2011), Danube and Douro, two rivers one destination the axis of connection or world sociocultural barriers, in Acts International Conference “*International dialogue and education in the Balkans and Eastern Europe*”, University of Verliko Tarnovo, Bulgária
- FERREIRA, J. (2012), *A Sustentabilidade do Alto Douro vinhateiro: realidade ou utopia? Contributo para a avaliação e melhoria da sustentabilidade da região*, FCSH, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa
- KNICKEL, K. et al (2009), *Innovation process in agriculture and rural development*, IN-SIGHT
- INE (2009), *Recenseamento Agrícola de Portugal de 1989 e 2009*. Instituto Nacional de Estatística, Lisboa
- LOURENÇO, J. et al (2008), *Alterações dos usos do solo - o caso do vale do Douro*, Universidade do Minho, Braga. 30 33-50.
- MADUREIRA, L. et al (2014), *Inovação em Portugal Rural, detetar, medir e valorizar*, Principia, Cascais

- PINA, H. (2007), *O Alto Douro- um espaço contrastante em mutação*, Temas Portugueses, INCM, Lisboa, 4 volumes
- PINA, H. (2010), “The importance of Complementarity in the Territorial Cohesion and Sustainability of Rural Areas: The case of Cambres, a Douro Winegrowing Area, and Magueija, a Mountainous Area”, in *Revija Za Geografijo, Journal for Geography*, 5-2 (G10), Department Geography, Faculty Arts, University Maribor (Slovenia), p.27-42
- PINA, H. (2012), Land use structure in the Demarcated Douro Region: overarching trends in the last few decades, *Journal of Geography*, Galway, 123-139
- PINA, H. (2013), The Rural population of the Douro region (Portugal): a problematic situation, in “*Geographical Sciences and Education*, Konstantin Prelavsky University of Shumen, Shumen
- PINA, H. (2014), “*The New Generation and the Strategic Development of the Alto Douro: the importance of Innovation and Entrepreneurship*”, in Proceeding “30 years of the Department in the University of Veliko Tarnovo”, University of Veliko Tarnovo , Bulgaria, p.125-134
- PINA, H., QUEIROZ, J. (2017), Rural tourism and the development of the Douro Demarcated Region (NE Portugal): a strategy to promote, in *Proceedings of Fifth International Congress on mountain and Steep Slope Viticulture*, Conegliano, Italy, 140-149